

Mário Jorge Lima

Nos escritos bíblicos do Novo Testamento há uma passagem em que S.Paulo, o conhecido apóstolo de Jesus Cristo, dando uma série de conselhos espirituais, faz uma recomendação até simplória, sobre a qual nem sempre nos detemos a pensar e avaliar: "*Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram.*"

Comentando primeiramente a última parte desse versículo bíblico, "*chorai com os que choram*", eu diria que isso é algo muito fácil para a maioria das pessoas. Ou seja, é fácil nos condoermos, nos compadecermos, solidarizando-nos com aqueles que estão sofrendo algum tipo de tristeza, angústia ou provação, estão padecendo de doenças graves, muitas vezes fatais, estão enfrentando situações penosas, constrangedoras, enfim, estão experimentando qualquer tipo de perda ou carência. Faz parte da natureza humana esse sentimento de fraternidade frente ao infortúnio alheio. Normalmente essas situações nos tocam e com muita frequência grandes ações beneficentes e filantrópicas têm sido empreendidas em função desse impulso natural e belo do ser humano.

No entanto, estive pensando que, surpreendentemente, a recomendação que parece ser bem mais difícil de seguir é exatamente a que diz que também devemos nos alegrar com aqueles que se alegram. Estranho, não é mesmo? Parece ser tão simples e prazeroso sentar-se à mesa de um bar ou restaurante, ir a uma festa de aniversário ou casamento, comemorar bons momentos vividos por alguém!

Pois é, a demonstração eufórica e muitas vezes exagerada de contentamento, não necessariamente está associada a uma alegria real pelo sucesso e realização de alguém. Ficar verdadeiramente felizes por algo de muito bom que alguém está vivendo, desejar que ele(a) ainda consiga bem mais do que está conseguindo, até mesmo querer generosamente que seu sucesso seja maior que o nosso, parece pedir demais das nossas emoções, impulsos, amor próprio e anseios pessoais.

Vamos imaginar uma situação bastante corriqueira. Alguém nos conta que ele ou um filho(a) conseguiu passar num concurso importantíssimo, conseguiu comprar a casa ou o carro dos sonhos, fazer a fantástica viagem que sempre idealizou, obteve um emprego com salário e benefícios altíssimos, enfim, alguém que chegou lá, no topo onde sempre desejamos chegar.

Ouvimos aquilo, sorrimos amarelo, damos na pessoa um abraço contido, dizemos-lhe algumas palavras simples de felicitações, mas lentamente vamos sendo invadidos por uma sensação de frustração, de vazio, que pode até se transformar em raiva, em depressão. No fundo começa a nascer em nosso espírito, um sentimento de inveja e até rancor. Perguntamo-nos silenciosamente: por que não aconteceu comigo, ou com meu filho(a) a mesma coisa? Por que só eu tenho que bater palmas, enquanto as coisas acontecem sempre com os outros?

De fato, parece ser mais fácil chorarmos com quem chora do que nos alegrarmos com quem se alegra. Levantei essa questão tão somente como reflexão, primeiramente pra mim, mas que serve a pessoas de qualquer idade e cultura. Decerto, somos seres competitivos, e, não nos enganemos, a vida é uma competição. Temos todos o direito legítimo de querer crescer, vencer e chegar no topo que idealizamos. Mas, que isso não nos leve a deixar de reconhecer, aceitar e nos alegrar com a felicidade alheia. Alegrar-se genuinamente com quem se alegra requer alguma dose de desprendimento, de generosidade e, sobretudo, de amor. A felicidade pessoal pode ser um resultado de querer e aceitar verdadeiramente a felicidade alheia.

